

Fernando Pessoa

**SHAKESPEARE — Great as his tragedies are, none of them is greater than. . .**

SHAKESPEARE

Great as his tragedies are, none of them is greater than the tragedy of his own life. The Gods gave him all great gifts but one; the one they gave not was the power to use those great gifts greatly. He stands forth as the greatest example of genius, pure genius, genius immortal and unavailing. His creative power was shattered into a thousand fragments by the stress and oppression of like. It is but the shreds of itself. *Disjecta membra*, said Carlyle, are what we have of any poet, or of any man. Of no poet or man is this truer than of Shakespeare.

He stands before us, melancholy, witty, at times half insane, never losing his hold on the objective world, ever knowing what he wanted, dreaming ever high purposes and impossible greatnesses, and waking ever to mean ends and low triumphs. This, this was his great experience of life; for there is no great experience of life that is not, finally, the calm experience of a disillusion.

His wavering purpose; his unsettled will; his violent and fictitious emotions; his great, tormless thoughts; his intuition, the greatest that has ever been, seeing right through a thought and expressing it as if the thought itself spoke living an alien life down to its blood and flesh and speaking from it as the man himself could never have done; his power of observation, gathering a whole thing into one paramount aspect; his practical ability born of his quick understanding of things. . .

When the higher faculties of the mind are broken, in abeyance, or sluggish in their operation, the lower one assume an unwonted force. Thus his practical ability was the one thing that withstood the stress and pressure of life and lack of will. He could amass money who strove in vain to amass the completion of created beauty. (If we wish to determine whether he was indeed thus, we have to see whether, towards the end of his life, there is not a growth of abruptness in practical things.)

He began with two long narrative poems — highly imperfect as narrative wholes, and that is the beginning of his, written when he had yet an instinct to

write greater than the intellectual impulse for it. With broadening consciousness, he lost his rapidity (. . .)

Grandes como são as suas tragédias, nenhuma delas supera a tragédia da sua própria vida. Os deuses concederam-lhe todos os grandes dons, salvo um; e esse que lhe negaram foi a faculdade de usar esses grandes dons com grandeza. Destaca-se como o maior exemplo do génio, génio puro, génio imortal e inútil. O seu poder criador quebraram-no em mil fragmentos a tensão e opressão da vida. Não passa dos farrapos de si próprio. *Disjecta membra* disse Carlyle, é o que nós temos de qualquer poeta ou de qualquer homem. Acerca de nenhum poeta ou homem se pode afirmar o mesmo com mais verdade do que acerca de Shakespeare.

Ergue-se perante nós melancólico, espirituoso, por vezes semi-louco, sem nunca pender o seu domínio do mundo objectivo, sabendo sempre o que pretendia, sempre sonhando com altos propósitos e impossíveis grandezas, e sempre despertando para fins mesquinhos e baixos triunfos. Foi esta, esta e não outra, a sua grande experiência da vida; pois não há grande experiência da vida que não seja, afinal, a experiência calma de uma desilusão.

O vacilar dos seus propósitos; a sua vontade incerta; as suas emoções violentas e fictícias; os seus grandes pensamentos amorfos; a sua intuição, a maior que jamais houve, que via claro através de um pensamento exprimindo-o como se fosse este que falasse, vivendo uma vida alheia até ao seu sangue e carne, e falando como o próprio homem nunca o poderia fazer; as suas faculdades de observação, reunindo um todo num só aspecto de importância primacial; a sua capacidade prática nascida da rápida compreensão das coisas. . .

Quando as faculdades superiores do espírito soçobram, se encontram suspensas ou funcionam com morosidade, as inferiores adquirem força desusada. Assim, a capacidade prática de Shakespeare foi a única coisa que resistiu a tensão e pressão da vidas e à falta de vontade. Aquele homem, que em vão forcejava por acumular a consumação da beleza criada, sabia acumular dinheiro. Se desejarmos determinar se ele assim era, de facto, temos de verificar se, na fase final da sua vida, não teria havido um maior desajustamento nas coisas práticas.

Começou com dois longos poemas narrativos — muito imperfeitos como um todo narrativo, e é aí que desponta o seu segredo — escritos quando o seu instinto de escrever era ainda superior ao impulso intelectual para tanto. Com o ampliar da sua consciência, perdeu a rapidez (. . .)

s. d.

Páginas de Estética e de Teoria Literárias. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966: 303.